Rio, 12-7-913 — o Autor

SANTA CATHARINA NA MARINHA

IX

O primeiro-tenente Alvaro Augusto de Carvalho

POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE FRAGATA

RIO DE JANEIRO

Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Aven. Rio Branco, 180

1913

SANTA CATHARINA NA MARINHA

IX

O PRIMEIRO-TENENTE ALVARO AUGUSTO DE CARVALHO

Curta, porém luminosa e cheia de ensinamentos, foi a passagem de Alvaro Augusto de Carvalho pela Marinha Nacional.

Si é certo que na vida de um homem serve muitas vezes um acto, uma phrase para caracterisal-o, neste caso está Alvaro de Carvalho; si não bastassem os predicados moraes e intellectuaes que distinguiam sua personalidade, fazendo delle um dos mais queridos e respeitados officiaes da sua época; si não fosse sufficiente a sua valente e ousada cooperação nas mais brilhantes epopéas escriptas na nossa historia naval, taes foram Riachuelo e depois Mercedes, por si só o seu procedimento em Cuevas sagral-o-ia homem verdadeiramente superior, verdadeiro heroe.

Debaixo das formidaveis baterias deste ultimo passo, que os paraguayos, na sua ousada empreza, chegaram a fortificar em territorio argentino, onde mais uma vez mostrou a Marinha Brazileira o valor que animava commandantes e commandados e do quanto são capazes os filhos da nossa Patria quando chamados ao cumprimento do dever, deu Alvaro de Carvalho, no commando da canhoneira *Ypiranga*, a mais fulgurante prova de stoicismo sem par.

Era bem digno filho do velho Carvalho e tão rijo como elle, qualidade não desmerecida no seu joven irmão, o insigne constructor naval Trajano Augusto de Carvalho.

Filho legitimo de Luiz José de Carvalho e de d. Florinda Luiza de Carvalho, nasceu Alvaro de Carvalho na antiga cidade do Desterro a 1 de março de 1829, onde cresceu e estudou, guiado pelos severos principios professados por seu pai.

Desejoso de seguir a vida maritima, iniciou-a em navios pertencentes á praça do Desterro, escola de muitos e distinctos filhos daquella terra que tantos marinheiros illustres tem dado.

Foi em uma labuta de dois annos que se lhe crestou a tez, enrigeceu-se-lhe o animo e se lhe desenvolveu aquella força muscular que mais tarde fazia a admiração de seus companheiros.

Fascinava-lhe, porém, a marinha de guerra e no firme proposito de ser um dos membros da corporação, a mais estimada pelos catharinenses, seguiu para o Rio de Janeiro afim de se matricular na Academia de Marinha, onde foi admittido como alumno externo.

Em 2 de março de 1847, obteve praça de aspirante a guarda-marinha, sendo matriculado no segundo anno.

Naquelle estabelecimento, onde se revelou bom estudante, tornou-se tambem notavel pela sua inteireza de caracter e pela presteza com que sabia repellir afrontas. Sempre prompto a tomar partido pelos mais fracos, fiado em sua agilidade e força de athleta, não se arreceiava do que lhe pudesse advir; suas proezas, quando iam os aspirantes em dia de folga geral levar os seus applausos ás artistas do afamado e predilecto *Alcazar*, tornaram-se famosas e por mais de uma vez teve Alvaro, a bordo da fragata, de soffrer impedimento para dar socego ás autoridades policiaes encarregadas da fiscalisação daquella tão apreciada casa de diversões.

Seus condiscipulos tinham em Alvaro, em todas as causas justas um paladino; uma offensa feita a um delles, era o mesmo que a elle dirigida. Foi essa a nomeada deixada nos bancos academicos. As qualidades reveladas nos bancos escolares mais se affirmaram com a idade e com a responsabilidade de official.

Promovido a guarda-marinha por aviso de 17 de dezembro de 1849, foi mandado embarcar na corveta *Bertioga* em 4 de janeiro de 1850, afim de fazer a viagem regulamentar de instrucção, indo até ao Rio da Prata.

De regresso continuou a servir a bordo do mesmo navio até 21 de junho, quando foi nomeado para embarcar na corveta *Bahiana*, onde se conservou até 4 de dezembro, della desembarcando em consequencia do desarmamento desse navio.

Embarcado no brigue *Cearense* em 9 de janeiro de 1851, não cessou Alvaro de Carvalho de nelle fazer cruzeiros e desempenhar commissões durante um anno, pois só o deixou em 16 de janeiro de 1852 por doente. Em 29 do mesmo mez passou a servir no patacho *Desterro*, seguindo viagem para o sul.

Promovido a segundo-tenente por decreto de 30 de abril do mesmo anno, deixou o patacho *Desterro* para servir a bordo da corveta *Paraense*, recentemente construida nos estaleiros da Ponta da Arêa sob a direcção e planos do constructor naval Dadgson, na qual se apresentou a 16 de julho, quando regressou da commissão em que se achava.

Desse navio passou para o brigue *Calliope*, então commandado pelo 1º tenente Thomaz da Cunha Vasconcellos, de estação no Rio da Prata, que era commandado pelo capitão de mar e guerra Jesuino Lamego Costa.

Cabe aqui a narração, por Alvaro de Carvalho, de um triste episodio passado na nossa esquadra no Rio da Prata e

que bem patenteia um brado contra a pena de morte, naquella época consignada nos nossos codigos militares.

Dizia a publicação feita na *Revista Maritima* de 1852, jornal fundado por alguns officiaes de marinha e publicado no Rio de Janeiro:

« A 23 de setembro chegava a Montevidéo o chefe de divisão Jesuino Lamego Costa, nomeado commandante da estação naval do Rio da Prata, assumindo o respectivo commando, sendo carinhosamente recebido; em todos os navios notaram-se demonstrações de satisfação e o mesmo facto se deu em terra, onde gozava elle de muita estima e consideração.

Entre as incumbencias que levára o digno chefe, tinha a dolorosa missão de mandar executar a sentença, proferida em ultima instancia, que condemnara á pena de morte José Eleuterio, cozinheiro da corveta *Bahiana*, por haver assassinado um companheiro.

No dia 26 de setembro de 1852 fizeram-se de vela as corvetas *Bahiana*, *Euterpe* e *D. Francisca* para cumprir uma triste missão...

E pois no dia seguinte intimou-se José Eleuterio, cozinheiro do primeiro destes vasos, da sentença que o condemnára á morte pelo revoltante crime que commettera.

Alimentado por falsas esperanças, não suppunha o réo tão proximo e tão terrivel o seu fim. E assim foi que, tremulo e consternado, desceu para o oratorio, armado em um paiol no bico de prôa do mesmo navio onde mezes antes, arrogante e incompassivo, tirára a vida a um seu semelhante. A lei, severa e previdente, estabelece essa unidade no drama do crime e da execução, em satisfação á justiça e aos manes da victima.

Quando nesse lugubre recinto ante seus olhos appareceu o ministro de Deus, que em casos taes é da morte infallivel annuncio, o instincto de conservação lembrou-lhe um recurso e, lavado em pranto, o desventurado pediu para

fallar ao commandante, porque só com a vida se apaga a esperança.

— Valha-me! exclamou desvairado logo que o viu.

— Filho, mais ou menos disse o padre, quem te pode valer na terra repousa tranquillo em sua consciencia e si teu ultimo suspiro chegar-lhe aos ouvidos, seu coração de homem estremecerá confrangido, mas seu semblante de rei será calmo como a justiça.

O réo soltou um prolongado gemido...

—Eia, coragem, tua esperança é Deus! Refugia-te no arrependimento e faze-te digno de em breve subir á sua presença.

—Que fazer, meu Deus? exclamou o infeliz com o arrependimento no coração e o desespero dentro d'alma.

—Dizer adeus ao mundo, retorquiu o padre, e preparar-se para morrer como um christão.

—O mundo! Ah, sim... no mundo só tenho minha mãi, minha pobre mãi.

E chorava como um perdido. Não menos lagrimas vertia o virtuoso sacerdote.

Essa triste scena provaria ao mais severo politico que a dor ingente que despedaça o coração e um sincero arrependimento são muitas vezes os limites onde deve parar o castigo e que ultrapassal-os seria entrar no dominio odioso da vingança. Mas a lei pune com a pena de Tallião o ultrage feito á sociedade. Terá razão a lei fazendo aquillo mesmo que terrivelmente reprova? Não sei; o certo é que *quem fere com o ferro perecerá com o mesmo ferro*, que o sangue pede sangue e que a justiça militar é tão severa quanto infallivel.

O condemnado pediu papel e tinta; deram-lhe. Nesse papel derramou certamente quanta agonia e afflicção, quantas maguas e saudades borbulhavam-lhe dentro d'alma.

Ninguem viu o que escreveu; assim pois suas ultimas expressões foram um mysterio para todos, menos para sua mãi.

Nesse momento solemne de transição de uma para outra vida, o espirito recupera sobre a materia todo o dominio e liberdade; o espirito illumina-se e então o misero votado á morte, quer seja Socrates, quer seja o mesquinho e ignorante Eleuterio, é arrebatado pela lucidez do pensamento ás regiões sublimes, até onde sua alma se remontará. Si falla, a verdade e a sabedoria sahem de seus labios; si imprime no papel os caracteres da escripta, dizendo o ultimo adeus, mandando o derradeiro suspiro a uma infeliz mãi, de certo o condemnado usará de uma linguagem que volvendo á vida desconheceria.

Depois de fechar a carta depositou-a nas mãos do sacerdote e, para ficar tranquillo a respeito da entrega, quiz que fosse segura no Correio com quatro patacões que a esse fim destinou.

O bom padre que implorava a protecção divina sobre o infeliz viu-o, meio reconciliado com a sua sorte, passar o resto do dia e toda a noite no fervor das orações.

Raiou o dia determinado para a execução, mas os elementos se conspiraram: o vento e o mar adiaram-na, prohibindo a communicação entre os navios, que não puderam velejar.

Entretanto essas poucas horas, que rapido passaram, roubaram algum alento ao condemnado e obrigaram-no a mais frequentes vezes horripilar-se com as terriveis visões da morte.

No dia 29, porém, ás 10 horas e 30 minutos da manhã, o céo era puro e a brisa regular. Parece que, compadecida a Natureza dos soffrimentos daquelle que aliás a offendera, submettia sua lei á dos homens para fazel-os cessar.

Com effeito velejaram os navios e começaram a navegar em gaveas a um largo, guardando entre si a distancia de uma amarra.

Subiram as guarnições da *D. Francisca* e da *Euterpe* ás enxarcias e aos castellos, para receber na execução que se ia fazer um exemplo mil vezes mais terrivel que proveitoso.

No castello de prôa da *Bahiana*, decomposta a physionomia e tiritando do gélido frio da morte, cujos amplexos já sentia, estava sentado sobre o tamborete fatal o réo, o assassino que a sociedade ia punir de um modo tão incompleto, que a correcção resultante, desprezando o ensanguentado cadaver a quem não mais aproveitaria, luziria com medonho fulgor no aterrado espirito dos espectadores.

Ah! fôra eterna a impressão de scenas taes; passasse ella de geração á geração e se perpetuasse no genero humano como um sentimento innato de horror ao crime, não viriam os seculos tantos patibulos se erguerem, tantas cabeças inutilmente cahirem!

Hoje, como quando Christo subiu á cruz, a penalidade pede sangue para exemplo e correcção dos homens; e sangue tem sido derramado, do justo e do peccador, sem que o temor da pena de morte desvie os homens da senda das paixões que por um fatal declive os guia ao crime.

Ah! decepando cabeças, destruindo a materia, entendeis que moralisais em bem dos que sobrevivem, pensais que o frio gume do cutello é mais persuasivo e mais eloquente que as palavras serenas do Evangelho; entregais ao carrasco a missão de purificar a humanidade, não appellais para a alma, preferis o martyrio da carne!

Assim tem sido sempre!

Si o instincto do mal prevalecesse sobre o instincto do bem, em nome da lei e da sociedade, os supplicios despovoariam a terra.

Felizmente Deus se amercêa de seus filhos; contra a pena de morte se conspira a razão e a razão vencerá.

Reinava a bordo um silencio pavoroso. Ouviam-se apenas o ranger da roda do leme e o rumorejar das ondas na proa.

O padecente disse em voz sumida algumas palavras ao padre, que as explicou depois. Pedia perdão a todos — commandante, officiaes e companheiros da guarnição e, com a maior contricção, implorava-o tambem dos parentes do assassinado, um dos quaes era marinheiro da *Euterpe*.

Havia postada em frente ao castello uma escolta de seis soldados e um cabo. Eram os executores.

A um signal rapido, as armas foram preparadas e apontadas. Para que mais uma vida cahisse na eternidade, faltava um só signal — o de fogo!

Por uma concentração natural de todos os sentidos em um só, atravez da venda o infeliz via o que se passava, porque a cada movimento da escolta correspondia um estremecimento do seu corpo.

Fogo! ordenou o signal. . .

Seria preciso molhar a penna nesse sangue que espadanou para descrever o que depois se seguiu.

. . . .

O padre voltou para ré, pallido, cabellos hirtos e offegante. Declarou que o executado em sua ultima vontade pedira que toda a guarnição rezasse por sua alma um *Padre Nosso* e uma *Ave Maria*.

A estas palavras ajoelhou-se e instantaneamente o mesmo fizeram todas as praças da guarnição, como si impellidas por um só movimento.

Era de abalar um tigre ver esses homens, que sem trepidar afrontam os maiores perigos, com as lagrimas nos olhos, repetindo palavra por palavra a oração que recitava o

padre. Nos corações mais rudes infiltram-se as suaves exhortações da religião.

Que produziria maior effeito? As palavras do santo homem ou as balas da escolta?

As palavras foram sementes, que devem germinar em boas acções.»

No *Calliope* se conservou até 12 de fevereiro de 1854, quando passou para o transporte *Pavuna* que o trouxe ao Rio de Janeiro.

Do *Pavuna* passou a servir a bordo do vapor *Pedro II*, seguindo a estacionar outra vez no Rio da Prata e depois no brigue-escuna *Xingú*, em dezembro, e no vapor *Maracanã* que commandou interinamente desde 9 de janeiro até novembro de 1855.

No brigue *Fidelidade*, para onde passou a 4 de fevereiro de 1856, fez diversas commissões tanto no norte como no sul e nelle se conservou até 24 de outubro, data em que desembarcou.

Promovido a primeiro-tenente por decreto de 2 dezembro, tornou a embarcar no brigue *Fidelidade*, por nomeação de 30 de janeiro de 1857, commandando-o interinamente desde 5 de maio a 16 de junho, quando o deixou por doente.

De bordo do *Recife* desembarcou em Santa Catharina em 6 de julho, sendo-lhe por aviso de 6 de agosto concedida licença de tres mezes e depois prorogada por mais um para seu tratamento. Aproveitou Alvaro de Carvalho essa licença para ir ao rio Araranguá examinar a barra do mesmo afim de reconhecer a sua praticabilidade e indicar os melhoramentos necessarios. Do seu estudo apresentou á presidencia da provincia um minucioso relatorio indicando as medidas que, postas em pratica, permittiram á navegação contar com mais de um porto fluvial de accesso aos moradores do sul da provincia com um escoadouro para os productos de sua lavoura.

Concluido o prazo de sua licença foi mandado embarcar na corveta a vapor *Magé*, por nomeação de 16 de abril de 1858, sahindo logo em commissão.

Pretendendo o governo mandar para o Piauhy o vapor *Urussahy*, foi escolhido para essa commissão o primeiro-tenente Alvaro Augusto de Carvalho, por nomeação de 24 de agosto, desembarcando por essa razão da *Magé*.

As qualidades nauticas e as condições do navio não eram daquellas que deixassem um commandante tranquillo a respeito do desempenho da commissão. Alvaro de Carvalho, porém, tinha consciencia do seu valor e, certo de que triumpharia, fez-se ao mar.

Na travessia do Rio á Victoria foi acossado por tremendo temporal, que por pouco não lhe tragou o navio. Graças, porém á sua calma e pericia conseguiu chegar ao ultimo porto, onde teve de reparar as grossas avarias soffridas.

O comportamento de Alvaro foi tão apreciado que ao pedido de conselho de investigação para se justificar da arribada, o ministro da Marinha, por aviso de 7 de dezembro, mandou manifestar-lhe que o governo imperial esperava que continuasse a desempenhar suas obrigações pelo modo por que se portou durante o temporal que soffreu em viagem para a Victoria.

Fez-se de novo ao mar e depois de longa e penosa viagem chegou ao seu destino, onde foi recebido com extremado carinho, offerecendo-lhe o presidente da provincia um banquete.

A 15 de maio de 1859 deixou Alvaro de Carvalho o commando do *Urussahy*, regressando ao Rio de Janeiro no paquete *Oyapock*, assumindo a 27 de junho o commando do *Capiberibe*, para que havia sido nomeado por aviso de 6 do mesmo mez.

Por aviso de 6 julho foi elogiado pela maneira por que desempenhou a commissão de levar o vapor *Urussahy* ao Piauhy.

No commando do *Capiberibe*, então armado a hiate, pois antes tinha armação de brigue, fez Alvaro diversas commissões, não só ao Rio da Prata como a outros portos, dando sempre cabal desempenho a ellas. Nelle se conservou até 6 de fevereiro de 1861, quando foi nomeado para servir na corveta *Bahiana*, que seguia para os portos da Europa com uma turma de guardas-marinha.

De regresso, foi nomeado a 16 de janeiro de 1862 para servir na Companhia de Aprendizes Marinheiros de Santa Catharina, para onde seguiu no vapor *Jaguarão*.

Foi nos lazeres em sua terra que Alvaro de Carvalho, com mais assiduidade se entregou á litteratura, especialisando-se na maritima.

A sua alma de verdadeiro marinheiro comprehendeu a extraordinaria influencia que exerce a litteratura no desenvolvimento da marinha; sentiu que todo povo que dispuzer de escriptores e cantores que souberem fomentar e exercitar com simplidade e concisão o maximo de emoção esthetica na na alma de seus concidadãos, descrevendo ou cantando a grandeza simples e vigorosa da profissão maritima, quer na paz quer na guerra, poderá contar com um fermento activissimo não só na genese e no periodo triumphal como tambem na regeneração dessa marinha; a essa litteratura se dedicou.

A historia ahi está para demonstrar que ao desenvolvimento de uma marinha sempre precedeu uma litteratura peculiar: desde os tempos heroicos até hoje tem predominado esta verdade, infelizmente pouco aceita por nós.

As novellas publicadas nos jornaes da época e seus dramas de assumptos maritimos *Pedro Martel* e *Raymundo*, representados na então cidade do Desterro, são producções de Alvaro de Carvalho, destinadas a conservar no coração de seus conterraneos aquelle culto ainda hoje tão intenso rendido ao mar e a tudo quanto delle depende.

Outras producções, entre ellas outros dramas, deixou-as ineditas.

O clarim da guerra chamou a postos os brazileiros e Alvaro de Carvalho, immediatamente acudiu ao appello : deixando o logar que exercia, embarcou para o Rio de Janeiro no vapor *Brazil* a 18 de janeiro de 1865.

Nomeado para servir na canhoneira *Iguatemy* no dia de sua chegada, tres dias depois de sua partida de Santa Catharina, passou a 16 de fevereiro para a fragata *Constituição*.

Tendo regressado de uma commissão hydrographica na *Ypiranga*, foi nomeado Alvaro de Carvalho para commandal-a, o que se deu a 27 do mesmo mez de fevereiro.

A queda de Montevidéo, apertada por forças nossas de terra e mar, auxiliadas por orientaes ás ordens do general Flores, mais irritou o autocrata do Paraguay Francisco Solano Lopez que, cego de furor, não duvidou um só momento de nos atirar a luva de desafio, embora tivesse, para levar a effeito a sua ousadia, de invadir o territorio argentino.

Tão desmesurada temeridade teve como consequencia o tratado da triplice alliança celebrado entre o Brazil, a Argentina e o Uruguay e que tantos prejuizos nos causou.

Em vista do exposto, começou o Brazil a concentrar nos portos platinos todos os recursos necessarios ao emprehendimento da nova campanha, que no parecer de muitos seria breve, mas que entretanto foi uma das mais longas e penosas, pelos obstaculos naturaes e materiaes oppostos.

Para reunir-se aos nossos navios já estacionados no Rio da Prata seguiu a *Ypiranga*.

No dia 5 de abril de 1865 partia de Buenos-Aires, com o fim de bloquear os portos do Paraguay, a 3ª divisão da nossa esquadra, sob o commando do capitão de mar e guerra José Secundino de Gomensoro ; compunha-se ella da corveta *Jequitinhonha* e canhoneiras *Araguary*, *Iguatemy* e *Ypiranga*.

A lentidão com que subiam os quatro navios o rio Paraná, devido ao transporte da divisão do general argentino Wenceslão Paunero, da Bella Vista para o Rincão do Soto, em razão daquella força não se poder oppor ao exercito paraguayo, cujas avançadas já tinham chegado áquelle porto, fez com que não chegasse a tempo de se oppor á passagem do inimigo e á tomada de Corrientes a 13 daquelle mez.

A 28 de abril de 1865 sahiram de Buenos-Aires a fragata *Amazonas*, corveta *Parnahyba* e canhoneira *Ivahy* e a 8 de maio reunia-se o chefe Barroso, commandante desta divisão, á 3ª, em frente á Goya, assumindo o commando da esquadra, fazendo-a em duas divisões.

De concerto com o general Paunero, o almirante empregou os seus navios na tomada da cidade de Corrientes, o que foi executado com extraordinario brilhantismo; não surtiu, porém, o almejado fim tal operação, porque cinco dias depois teve o general argentino de abandonal-a, visto approximar-se um exercito de 18.000 homens.

A imprudente operação lembrada por Paunero fez com que a esquadra ficasse isolada, soffrendo falta de recursos e de reforços e sem um porto para sua base de operações.

Aproveitando-se dessas circumstancias no dia 11 de junho de 1865, ás 9 horas da manhã, desceu a todo o vapor a esquadra paraguaya, contando oito vapores e seis chatas, cada uma dellas armada com um canhão de 80, e foi abrigar-se a uma bateria de antemão estabelecida na barranca do Riachuelo, guarnecida por 22 canhões apoiados por mais de 1.000 homens de infantaria.

Para têr uma idéa do que foi a epopéa brilhante de Riachuelo, escripta por todos que naquelle porfiado combate se empenharam seria preciso a transcripção das partes de todos os commandantes e do heroico chefe que nella tomaram parte. A cada um coube um quinhão de gloria e os louros

colhidos engrinaldaram a fronte da Patria, que tudo esperava de seus filhos.

Nessa ingente batalha, a não ser nossa a victoria, teriamos de ver a esquadra paraguaya hostilisar todos os portos argentinos, sublevar todos os partidos existentes naquella confederação e no Uruguay contra nós, aniquilar o nosso commercio e paralysar por muito tempo as operações da guerra, pelo local em que estava o exercito brazileiro na margem do Uruguay.

Preferindo o Brazil, depois da revolução de 7 de abril de 1831, as missões diplomaticas a possuir exercito e marinha fortes e bem organisados, teve mais de uma vez de se sujeitar a receber afrontas a que de certo não se atreveriam certos governos, convencidos de immediata resposta.

Tardou o tyranno do Paraguay em receber o merecido castigo de sua tresloucada ousadia, porque os *generaes de casaca*, mais confiantes na capacidade alienigena do que na propria, preferiram entregar o commando de nossas tropas ao general Mitre, para com ellas primeiro limpar em seis mezes o territorio argentino do invasor e deixar quatro annos o nosso no poder dos paraguayos.

A victoria da marinha abriu caminho ao exercito alliado. Estava destruido o poder naval paraguayo: a parte official de Alvaro de Carvalho sobre o combate, o que praticou elle no brilhantissimo feito de 11 de junho de 1865, data já por si memoravel porque lembrava as providencias dadas em 1824 para prevenir a invasão portugueza nas provincias brazileiras e em 1826 o triumpho de uma parte da nossa esquadra sob as ordens de Norton contra as forças argentinas em frente a Buenos-Aires, é a seguinte:

«Bordo do vapor *Ypiranga*, em 15 de junho de 1865.

Illmo. exmo. sr. — Nunca um dever a cumprir me foi tão grato como neste momento em que tenho de fallar em um feito de armas da nossa Marinha, feito que é uma séria

lição dada ao Paraguay, uma desafronta dos insultos e assassinatos praticados em plena paz contra nós.

A nossa força naval nas aguas do Paraná, tão dignamente commandada por v. ex. bateu, no dia 11 do corrente, perto de Riachuelo as forças navaes do Paraguay, composta de oito vapores e seis chatas armadas com grossa artilharia de 68 e 80, protegidas por baterias que de cima das barrancas nos faziam um fogo vivo.

V. ex., melhor do que ninguem, sabe de todos os episodios deste encarniçado combate que, começando ás 9 horas da manhã, só finalisou ao pôr do sol; comtudo meu rigoroso dever me obriga a dizer o que vi e qual o comportamento dos meus officiaes, marinheiros e soldados.

A's 8 1/2 horas, pouco mais ou menos, avistou-se a esquadra paraguaya que vinha rio abaixo, encostada á margem opposta, rebocando seis chatas.

Immediatamente fez signal o navio chefe para que os vapores puxassem fogos e pouco depois signal para suspender.

Estando o navio sob meu commando com o fogo abafado, em dez minutos teve vapor sufficiente para seguir e, urgindo que estivesse em circumstancia de manobrar, não tendo tempo de suspender, toquei a manilha das 15 braças e larguei a amarração sobre boia.

Com a minha guarnição a postos esperei o signal para atacar.

A's 9 horas, a esquadra inimiga pelo nosso travez já nos fazia fogo a que respondiamos com energia.

Largou então v. ex. em um escaler para a *Parnahyba*, onde içou o pavilhão; porém, arriando-o pouco depois, regressou ao *Amazonas* onde tornou a içal-o, fazendo signal para bater o inimigo, seguindo os navios o mais junto possivel.

A esquadra moveu-se.

A *Belmonte*, que era a testa da columna, foi a primeira a inverter a linha de frente e ir rio abaixo a encontrar o inimigo.

O navio chefe, independente da linha, fez signal para principiar o combate com qualquer dos inimigos com que mais facilmente o pudesse fazer e depois sustentar o fogo que a gloria era nossa.

O navio do meu commando só poude fazer a evolução depois dos que estavam na frente, segui então a toda a força. O navio chefe já seguia á procura do inimigo.

Em frente á bocca Chica da Palomera, parando a *Jequitinhonha*, passei adiante dando ordem ao primeiro machinista de dar toda a força á machina porque vi que o navio testa já ia longe.

Passou depois por mim o navio chefe que voltava aguas acima e deu-me ordem para seguir para baixo e mandar descer a *Mearim*, que lhe seguia as aguas, afim de metter o inimigo entre dois fogos e nenhum navio poder escapar.

Ao passar pela *Mearim* transmitti a ordem.

A esquadra paraguaya havia formado linha de combate no Riachuelo em uma só columna, estando os vapores sobre rodas e as chatas fundeadas junto ás barrancas; 30 ou 40 peças em terra auxiliavam a esquadra inimiga dirigindo sobre nós um fogo bem nutrido.

Ao chegar junto á ponta em frente ao Riachuelo, a *Iguatemy*, que ia pela minha proa, guinou para BB o que me obrigou a fazer o mesmo; nesse momento a *Beberibe* vem aguas acima entre o meu navio e a terra; tive que seguir um pouco avante e depois parar, mas vendo que a *Beberibe* tinha seguido pouco e que me ficava junto á proa com a popa na amura de BB, cahi á ré até ao barranco com receio de que o fogo de sua artilharia me offendesse. Nessa posição critica, soffrendo fogo das baterias, das chatas e a grande fuzilaria dos vapores, estive algum tempo sem poder seguir

aguas abaixo por não haver espaço para manobrar sob risco de encalhar; pouco depois, seguindo a *Iguatemy*, pude arribar e passar por junto do monte de Santa Catharina, onde metti a pique uma chata armada de canhão 68 e guarnecida com 30 a 40 pessoas, das quaes poucas julgo terem escapado.

O navio chefe já havia feito signal de reunir para os navios distantes. Chamou-me á falla o navio chefe e ordenou-me que fosse tomar conta do *Paraguary*, vapor paraguayo, que se achava encalhado; segui na popa do navio chefe que foi sobre um navio paraguayo e abordou-o parando quasi de seguimento; e não podendo eu parar immediatamente, abalroámos, não havendo, porém, maior avaria e apenas perdendo este vapor o páo da giba.

Cahi á ré e, arribando pela popa do navio chefe, passei ao lado do vapor paraguayo *Salto*, que tinha ido com a popa de encontro ao barranco, fiz-lhe fogo de bala e metralha, porque vi que estava de bandeira içada trabalhando para safar e com muita gente debaixo das toldas; as balas varam-lhe o costado e arrombaram-lhe as caldeiras deitando logo vapor pelo costado e a metralha obrigou a saltar a guarnição pela popa atirando fóra as camisas encarnadas.

Julgando o *Salto* inutilisado, o que se fez em dez minutos, deixei-o e fui sobre o *Paraguary*, que estava encalhado, e fiz-lhe dois tiros de metralha antes que me fizesse fogo de fuzilaria; a guarnição já em pequeno numero saltou á agua e fugiu, mandei então o 1° tenente Joaquim Candido dos Reis, immediato deste vapor, tomar conta do navio em um escaler guarnecido com 30 praças e o guarda-marinha Francisco Augusto de Paiva Bueno Brandão e continuei a atirar contra as baterias de terra que dirigiam um fogo terrivel sobre o *Jequitinhonha* que encalhára pouco depois de começar o combate.

Regressou o escaler com o immediato que me participou que o navio estava varado de balas e cheio d'agua e que, ao subir para a tolda, um soldado paraguayo atirara-se sobre o 1º sargento do corpo policial da provincia do Rio de Janeiro Delphino Tavares da Silva Dias que immediatamente o matou á bayoneta.

Durante este encarniçado combate, que durou das 9 horas da manhã ao pôr do sol, apenas tenho a lamentar a perda de um grumete da marinhagem, servente de rodizio, morto por uma bala de fuzil que lhe varou o craneo, e alguns feridos, como v. ex. verá no mappa junto.

Só attribuo tamanha felicidade á justiça de Deus, porque a nossa causa é pura e santa.

Durante o combate obriguei a minha guarnição a trabalhar sempre coberta pela borda que, sendo baixa, expõe a gente da cabeça até parte do peito.

O casco deste vapor recebeu grande numero de balas e tive o prazer de notar que algumas apenas o chocaram, devido isto á sua boa construcção de excellente madeira.

Apezar, porém, da rigidez do seu costado, tem o *Ypiranga* tres balas encravadas do lado de BB, sendo uma ao lume d'agua, que aluiu todo o forro, dois rombos, as mesas do traquete espedaçadas e a trincheira arrombada em diversas partes; no lado de EB, duas balas cravadas no costado, o cobre cortado ao lume d'agua á proa, dez rombos, o contra dormente na altura das mesas da gata muito damnificado e o forro correspondente muito aluido, cavilhas e chapas aluidas em varios logares.

O apparelho nada soffreu, o panno alguma cousa, particularmente a bujarrona.

O 1º e 3º escaleres soffreram muito, este especialmente que, estando içado a EB, foi arrombado por bala de grosso calibre.

A chaminé do vapor foi furada por metralha e o pequeno tubo de apito degolado por uma bala de canhão.

Todas estas avarias em nada impedem que este vapor continue a trabalhar aqui no rio, restando-nos só o pezar de não dispor de grossa artilharia e não ser de melhor marcha.

A conducta dos meus officiaes, marinheiros e praças do corpo policial destacadas a bordo está acima de todo elogio.

O 1° tenente Joaquim Candido dos Reis, immediato, correu sempre o navio, vendo que nada faltasse, dando ordens acertadas com o maior sangue frio. E' um bravo official digno de toda a consideração.

O 2° tenente José Candido Guillobel, commandante da bateria, dirigia-a magnificamente com calma, dando toda a attenção ao serviço das peças e sem attender ás balas que cruzavam por cima, e assim é que não tivemos um só desastre a lamentar, apezar da artilharia fazer um fogo seguido, dando naquelle dia para mais de 240 tiros.

O 2° tenente José Maria do Couto e o guarda-marinha Francisco Augusto de Paiva Bueno Brandão portaram-se superiormente, com muita bravura e sangue frio.

O escrivão de 2ª classe João Carlos de Gouvêa Faria e o commissario d. José de Tavora Noronha Almada e Vasconcellos Freire de Andrade dirigiram perfeitamente o serviço dos paióes, onde talvez se careça mais de sangue frio do que em parte alguma, para não haver atrapalhação e risco de incendio, trabalhando com polvora e balas ocas.

O 2° cirurgião dr. Manuel Joaquim de Saraiva, incansavel no cumprimento dos seus deveres, se pouco teve de fazer a bordo, em compensação trabalhou na noite seguinte ao combate e nos outros dias em diversos navios; é um moço distincto e que bem sabe comprehender que a nobre missão de medico a bordo não se reduz a uma visita á coberta *pro formula.*

O alferes do deposito d. Faustino José da Silveira, o tenente do corpo policial João Corrêa de Andrade e os alferes do mesmo corpo Antonio Firmino da Costa e José Joaquim Rodrigues de Araujo portaram-se muito bem e dirigiram o fogo de mosquetaria com muita ordem.

O alferes Costa é um official de muito sangue frio e julgo-o capaz de se encarregar de qualquer commissão em que se necessite de um official calmo e energico.

O 1º machinista James Renfrew muito trabalhou e durante todo o dia não arredou o pé da machina, que funccionou admiravelmente, graças á sua pericia e sangue frio.

O 2º machinista Pedro Xavier Ferreira que, estando bastante doente, se apresentou na tolda, não se retirou, não obstante o medico dizer que elle não se achava em estado de deixar o alojamento.

O mestre do navio Lauriano do Nascimento mostrou bravura e sangue frio e assim tambem o guardião Manuel Joaquim, que se distinguiu igualmente pelo valor com que se bateu á ré com uma carabina, exposto ao fogo.

O escrevente Manuel Cesar de Sá portou-se muito bem, combatendo á ré com uma carabina.

Tambem são dignos de elogio os chefes de peça e carregadores e entre esses os imperiaes marinheiros Manuel Joaquim dos Martyres que, estando doente, se apresentou e trabalhou todo o dia como carregador e o imperial Antonio Garcindo que igualmente se achava doente; seria injusto si não recommendasse á v. ex. o pratico deste navio, José Picardo, que nunca deixou o passadiço junto a mim, dirigindo com admiravel presença de espirito a navegação.

Finalmente, toda a minha guarnição, tanto imperiaes como marinhagem, portou-se sem nada deixar a desejar.

Deus Guarde a v. ex. — Illmo. e exmo. sr. Francisco Manuel Barroso, chefe de divisão, commandante da 2ª divisão

das forças navaes do Rio da Prata, em operações no Paraná —*Alvaro Augusto de Carvalho*, 1° tenente commandante.

Relação dos feridos e mortos a bordo do vapor *Ypiranga*, no combate de 11 de junho de 1865.

Alferes do batalhão do deposito de Santa Catharina d. Faustino José da Silveira, ferido levemente com um pequeno estilhaço de madeira na fronte.

Soldado policial Antonio José de Oliveira, com fractura exposta do antebraço esquerdo.

Soldado policial Antonio Joaquim de Oliveira, ferido por instrumento cortante nos dedos da mão direita, sem gravidade.

Escrevente Manuel Cesar de Sá, ferido levemente na face por um estilhaço de madeira.

Grumete recruta, Candido Alves de Azevedo, com fractura exposta do antebraço esquerdo, ficando os tecidos moles intactos.

Grumete recruta, Antonio Francisco Paes, morto por bala de fuzil no craneo.

Bordo do vapor *Ypiranga*, no Paraná, em 15 de junho de 1865 — *Alvaro Augusto de Carvalho*, 1° tenente commandante.»

O pranteado poeta Joaquim Norberto de Souza e Silva, no seu poema «Riachuelo», assim se refere a Alvaro de Carvalho:

...Depois reina o silencio. Attentos todos,
Deste modo Carvalho a voz levanta:
— «Nessa erupção de nova lava e cinza,
Que mil vulcões bramando vomitam,
Apertando lutei na estreita linha....
O bronze rugidor troou constante
Como trocando estrago por estrago,
Até que campo abri á acção tremenda:
Nas vagas afundei armada chata,
Fiz a morte beber á fera gente.

Qual cetáceo arpoado e inda arquejante
Via-se o *Salto*. O pavilhão sangrento
Tremúla ainda ás brisas. Mando a bala,
Rasgo as entranhas; da ferida jorra
O fervido vapor. Varre a metralha
A guarnição, que as rubras blusas despe
E ás ondas vai buscar frio sepulchro!
Dura a tormenta foi — suada a faina;
Dobrou-se a luta até com os elementos!
Mas a *Ypiranga* triumphou soberba
Digna do brado — Independencia ou morte!»

E as taças empunhando exclamaram juntos:
— «Salve a Marinha que taes filhos conta!»

Não estava, porém, terminada a acção gloriosa de Alvaro de Carvalho. A brilhante reputação que elle e todos os officiaes brazileiros haviam conquistado na maior peleja naval travada na America do Sul serviu para dar nome á nossa Patria, pois na velha Europa admirou-se que officiaes novos, sem pratica de guerras, por isso não acostumados aos combates, se portassem como veteranos.

Foi na batalha do Riachuelo que a Marinha Brazileira resolveu o problema tactico de uma esquadra a vapor contra outra disputando a victoria e isto em um campo tão singular. Nessa jornada, que em todos os tempos enchera de orgulho o nosso patriotismo, appareceu a inspiração de fazer de ariete a proa do navio que conduziu á victoria os demais — a *Amazonas*, mais tarde imitada em Lissa pelos austriacos.

Poucos dias depois da batalha do Riachuelo, transportaram os paraguayos para um sitio não longe do arroio Empedrado, onde se levantam altas barrancas, as 22 boccas de fogo estabelecidas em Riachuelo, que tanto auxiliaram a sua esquadra e tanto mal fizeram á nossa, e com outros canhões levantaram forte bateria de 36 boccas de 68, apoiada por 2.000 homens de infantaria e artilharia.

Essa bateria — conhecida por Mercedes, — dominava o passo e em posição tal proxima a um banco que obrigava os navios se encostarem a ella para passar o canal.

Para evitar que a esquadra ficasse bloqueada e attendendo á baixa das aguas do Paraná, resolveu o chefe Barroso forçar esta passagem, afim de se collocar em mais liberdade, concluir os reparos dos seus navios e receber reforços.

Na manhã de 18 de junho, ás 11 horas, puzeram-se em movimento os navios aguas abaixo, tendo-se a elles se reunido a canhoneira *Itajahy*.

E logo que começou a investida ao passo, com inaudito furor trovejou o canhão. As incessantes descargas de artilharia e de fuzilaria de parte a parte não esmoreciam o animo dos nossos que, impavidos, afrontavam aquelle tremendo obstaculo, nem tão pouco serviam para atemorisar os defensores do passo. Certeiros tiros desmontaram alguns canhões inimigos e causaram grande estrago em sua gente, dando logar á passagem, um a um, sem grandes avarias, a todos os navios conduzidos com aquella galhardia natural de homens que sabem cumprir o seu dever.

Nessa passagem tivemos que deplorar a morte, verificada dois dias depois, do commandante da *Beberibe*, o capitão-tenente Bonifacio Joaquim de Sant'Anna, de mais duas praças e de nove feridos.

Mais uma vez Alvaro de Carvalho mostrou-se digno do nome que grangeára.

Foi fundear a esquadra no Chimboral, 15 leguas abaixo de Corrientes, onde encontrou a canhoneira *Ivahy*, e onde se lhe reuniu a *Magé*, a 5 de julho.

Permanecia a esquadra fundeada na volta do Chimboral algumas leguas acima de Bella Vista, apezar deste ponto ter cahido em poder dos paraguayos, quando teve ordem de descer e collocar-se abaixo do passo de Cuevas, onde existiam grandes barrancas e era estreito e tortuoso o canal.

No dia 10 de agosto suspendeu ferro a esquadra e a 11, tendo sciencia o chefe Barroso de que se achava fortificado aquelle passo, mandou um escaler por dentro de um arroio que ia sahir abaixo das baterias, por onde fez seguir o vapor *Igurey* sob o commando do piloto Alves Serpa, a observar o que havia, sendo verificado que o inimigo, como era de esperar, o havia fortificado, construindo fortes baterias guarnecidas por 3 a 4.000 homens e 40 peças de todos os calibres, algumas raiadas. Era que o coronel Bruguez não descansava.

Não hesitou o chefe Barroso em cumprir a ordem recebida: com denodo no dia 12, ás 9 horas da manhã, deu ordem para investir o passo, certo de que o secundariam todos. A' hora determinada, poz-se em movimento a esquadra servindo de testa da columna a *Ivahy*, cujo commandante anciava receber o seu baptismo de fogo, seguindo-se a *Itajahy*, logo atraz a *Beberibe*, com o pavilhão do intemerato Alvim, depois a *Amazonas*, capitanea, o *Guardia Nacional*, pequeno vapor argentino, *Magé*, *Belmonte*, *Mearim*, vapor *Apa*, trazendo ao costado o *Pepery-guassú*, barca *Quarahim* e finalmente cerrando a linha a *Ypiranga*, do commando de Alvaro de Carvalho.

Emquanto faziam a volta os navios approximou-se a *Ivahy* e rompeu o fogo, respondido lentameute pelo inimigo, para sem duvida não dar a conhecer a sua força; mas á approximação dos demais, cobriu-se a barranca de um enorme clarão e, como explosão vulcanica, rompeu um violentissimo e destruidor fogo de artilharia. Que importava, porém, aos bravos que guarneciam os navios aquella furia impetuosa, si a serenidade, a bravura stoica, imperterrita com que eram guiados, davam-lhes os meios para com toda a firmeza responderem. Tão successivas eram as descargas de artilharia, despejadas quasi á queima-roupa, tal a vivacidade e o estampido por pelotões que dir-se-ia feitas dos canhões. Não perdiam tiros os bravos artilheiros dos navios; com presença

de espirito e coragem heroica, admiraveis, não esperavam contestação.

E durante trinta minutos, quanto durou a passagem, cada navio esteve sob acção do fogo daquelles 36 canhões, alguns de grosso calibre e outros raiados, além de dez estativas de foguetes a Congréve e fuzilaria, tudo convenientemente disposto e de tal fórma que batia os navios, um por um, de proa, de travez e pela popa. Prestava-se isso a tortuosidade do canal.

Apezar do tremendo fogo soffrido e das avarias provenientes dos projectis que vararam o casco dos navios e a mastreação, destruindo as amuradas, trincheiras e escaleres, a perda de vidas foi relativamente pequena: na tolda só se conservaram os officiaes, guarnição da artilharia e os atiradores indispensaveis.

Coube a Alvaro de Carvalho receber quasi que isolado o fogo da barranca, pois a *Ypiranga*, que serrava a linha, pela sua pouca marcha, attrahiu o furor do desespero paraguayo: mais de 30 balas acertaram, sendo algumas ao lume d'agua.

Graças, porém, á sua boa construcção não ficou ella totalmente arruinada.

A *Amazonas* muito soffreu na mastreação e no costado: recebeu 40 balas, uma das quaes attingiu a machina.

A *Itajahy*, que uma bala havia esphacelado a cabeça do leme, além de outra que lhe varou o costado, perdeu o governo junto á barranca, succedendo o mesmo á *Beberibe*, pelo arrebentamento de um dos gualdropes do leme.

Foi nesse transe difficil, debaixo de fogo terrivel, que o chefe Alvim, pondo em acção a sua extraordinaria força muscular, auxiliada pelo 1° tenente Fortunato Foster Vidal, hoje almirante, conseguiu pôr a caminho o navio, capitanea de sua divisão.

A perda que tivemos nessa memoravel passagem, nos navios de madeira, tripulados porém por corações de aço e que

afrontaram impavidos terriveis obstaculos, varrendo em seu caminho as defesas amontoadas pelos paraguayos, é assim detalhada: *Beberibe* cinco mortos e nove feridos; *Itajahy*, tres mortos e oito feridos; *Magé*, quatro mortos e dois feridos; *Belmonte*, dois mortos e dois feridos; *Ypiranga*, um morto e sete feridos; *Mearim*, um morto; transporte *Apa*, um morto; *Pepery-guassú*, um morto e um ferido; *Quarahim*, um morto; *Amazonas*, um morto; *Ivahy*, cinco feridos.

Estava transposta a passagem de Cuevas e cumprida portanto a ordem recebida! Cobrira-se mais uma vez de gloria a Marinha Brazileira no cumprimento de seu dever. Si scenas de heroico valor se haviam passado a bordo de todos os navios que transpuzeram Cuevas, uma maior do que todas presenciaram os officiaes e tripulantes da *Ypiranga*.

Foi uma scena spartana, digna de ser lembrada para exemplo. Ella define seu autor, Alvaro Augusto de Carvalho, o valente official, de caracter rigido, de palavras francas, leaes, ás vezes um pouco bruscas, como seu pai e seu irmão Trajano. Militar ás direitas, marinheiro provecto, nunca seus labios se conspurcaram com uma mentira; seu pensamento nunca foi occupado por uma idéa menos nobre.

Depois da passagem de Mercedes foi Alvaro atacado de typho, mal que grassava na esquadra antes mesmo da batalha de Riachuelo. Gravemente enfermo, mas brioso como era, não quiz dar parte de doente. Aos conselhos de seus officiaes e camaradas para que deixasse a esquadra respondia que a occasião não era propria de o fazer: estava diante do inimigo e havia de morrer a bordo do seu navio.

Nestas circumstancias, teve a esquadra de descer e transpor a passagem de Cuevas.

Ao ter conhecimento dessa ordem, por um extraodinario esforço reanimou-se e, pode-se dizer, voltou-lhe a vida prestes a apagar-se daquelle corpo outr'ora herculeo.

Alvaro, abatido como se achava, pede subir á tolda; os officiaes oppõem-se; elle ordena aos criados que o conduzam em uma cadeira. O immediato intima-lhe então da parte do chefe que desça, ameaça prendel-o á ordem do ministro, mas Alvaro responde que sim, mas depois do combate, porque aquelle era o seu posto de honra e somente morto o abandonaria.

A guarnição, presente a esta scena que bem se pode classificar de homerica, como relata uma carta publicada em 3 de outubro no *Diario do Rio de Janeiro*, prorompeu em vivas ao seu idolatrado commandante.

Electrisada a guarnição pelo procedimento de Alvaro, chega ás baterias, ao toque de postos de combate e anceia dar uma prova que era digna do stoico marinheiro que a guiava á honra e ao dever. No passadiço, a descoberto, commanda Alvaro o seu navio durante toda a acção; as balas chovem-lhe em derredor; vê cahirem mortos perto delle um aspirante e sete praças. A pallidez estampada no seu rosto emmoldurado por densa barba negra foi, com o ardor do combate, substituida por viva coloração, illuminada pelo brilho de seu olhar, dando aos presentes a impressão de que alli se achava o rijo homem de todos os tempos.

Puro engano: finalisado o combate, alquebrado pela molestia e pela commoção natural daquelles momentos supremos, foi o intrepido commandante abandonado pelas energias que soubera reunir: desfalleceu!

O chefe Barroso, informado do que se passava, veiu a bordo e por meio de signaes chamou todos os medicos da esquadra para, em conferencia, resolverem. Unanimes foram que só por um milagre Alvaro de Carvalho poderia salvar-se.

Ordenou o almirante que se apromptasse um vapor e que fosse Alvaro transportado para Buenos-Aires onde, no hospital brazileiro, poderia ser convenientemente tratado.

Mas antes de deixar o navio de seu commando e onde tinha dado tantas provas de valor e abnegação despediu-se da guarnição e de seus companheiros de privações e perigos. Pediu-lhes que continuassem a ser subordinados e valentes, como até alli, e que não deixassem nunca o inimigo pôr a mão na bandeira que tremulava no penol da mesena e que tres vezes haviam defendido com tanta bravura, sob suas ordens.

A 5 de setembro, em Buenos-Aires, onde havia chegado o bravo official, falleceu elle legando á Patria um nome cheio de respeito e veneração.

Alvaro de Carvalho era um official completo, não sómente pelos seus conhecimentos profissionaes, como tambem pelos dotes intellectuaes.

Das suas lucubrações litterarias foram dadas á publicidade *Pedro Martel*, drama em quatro actos e um prologo, publicado em 1865; *Raymundo*, drama em cinco actos, publicado posthumamente em 1868. Outros dramas levados á scena e outros ineditos deixou em sua bagagem litteraria.

O *Relatorio sobre a barra e rio de Ararangúá*, apresentado ao presidente da provincia, é estudo meritorio.

Nos jornaes da época publicou novellas e romances.

Era o theatro a sua predilecção e para honral-o como dramaturgo, por iniciativa do dr. José Arthur Boiteux, quando official de gabinete do governador de Santa Catharina, foi dado ao theatro de Santa Cecilia, em Florianopolis, o nome Alvaro de Carvalho, como já tinha a Municipalidade consagrado a uma das ruas da cidade o seu nome, em lembrança do heroismo de seu filho como marinheiro e militar.



Almirante José Marques Guimarães